



Eixo 1 – Não deixar ninguém pra trás

## Bibliotecas universitárias como infraestrutura social no enfrentamento da violência contra a mulher

*University libraries as social infrastructure in responding to violence against women*

**Patrícia dos Santos Costa** – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) –  
patricia1scosta@gmail.com

**Juliana Campos de Aguiar Mattos Ribeiro** – Instituto Brasileiro de Informação em  
Ciência e Tecnologia (IBICT) – jcampos.juridico@gmail.com

**Tainá Regly** – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – taina.regly@facc.ufrj.br

**Resumo:** As bibliotecas universitárias, além de infraestruturas sociais que salvagam e mediam o acesso à informação, conhecimento e promoção da ciência, são espaços criados que compõem o tripé que sustenta as universidades. O presente artigo discute o papel das bibliotecas universitárias como infraestrutura social, suas potencialidades e função no combate à violência contra a mulher. Realiza-se pesquisa bibliográfica e documental de caráter exploratório e crítico. Reflete-se sobre as ações que bibliotecas universitárias podem desenvolver para colaborar no combate à violência contra a mulher. Conclui-se que as bibliotecas universitárias precisam ser parceiras, buscando promover rupturas significativas ao enfrentar a violência contra a mulher.

**Palavras-chave:** Biblioteca universitária. Infraestrutura social. Enfrentamento da violência. Mulher.

**Abstract:** University libraries, in addition to being social infrastructures that safeguard and mediate access to information, knowledge, and the promotion of science, are created spaces that form the tripod that sustains universities. This article discusses the role of university libraries as social infrastructure, their potential, and their function in combating violence against women. A bibliographic and documentary research of an exploratory and critical nature is carried out. The article reflects on the actions that university libraries can develop to collaborate in combating violence against women. It concludes that university libraries need to be partners, seeking to promote significant breakthroughs in confronting violence against women.

**Keywords:** University library. Social infrastructure. Addressing violence. Women.



## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo de séculos, as mulheres buscaram construir espaços de reconhecimento e participação social, o que culminou na conquista do acesso à educação, ao mercado de trabalho e ao direito ao voto. No Brasil, esse último foi formalizado apenas em 24 de fevereiro de 1932 com o Decreto nº 21.076 (Brasil, 1932), que condicionava o direito a mulheres maiores de 21 anos que cumprissem requisitos específicos de elegibilidade.

Nessa perspectiva, observa-se que os aspectos sociais dos relacionamentos constituídos do “mundo social” são endossados coletivamente como se fossem naturais aos seres humanos, e não frutos de uma construção sócio-histórica respaldada pelo patriarcado. Essa percepção institucionaliza uma forma de dominação invisível que atua na subjetividade e nas vivências femininas impondo visões de mundo que legitimam desigualdades e fazem com que relações de dominação masculinas pareçam naturais inquestionáveis, denominado por Bourdieu (2003) como poder simbólico.

Flach e Deslandes (2019, p. 12) afirmam que “a relação de (des)igualdade de poder dentro do relacionamento íntimo associada a essa necessidade do “controle total” do(a) parceiro(a) está vinculada à perspectiva de gênero”. Logo, o controle, somado ao poder simbólico e cultural exercido é fruto do patriarcado, que vem a se tornar um sistema social que se estrutura em relações que favorecem gênero masculino, principalmente os que são brancos, cisgêneros e heterossexuais.

Consequentemente, mesmo com a ampliação do acesso à informação e ao conhecimento, as taxas de feminicídio<sup>1</sup> e de violência contra as mulheres têm apresentado aumento no território brasileiro. Dados recentes<sup>2</sup> publicados pela Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher indicam que milhões de brasileiras ainda são vítimas de violência doméstica. Assim, a relevância desta pesquisa reside na urgência de enfrentar o retrocesso evidenciado pelo movimento supracitado e pelo crescimento da violência de gênero no Brasil.

---

<sup>1</sup> O termo feminicídio é usado para caracterizar o assassinato de mulheres por razões da condição de sexo feminino, podendo advir da violência doméstica e familiar ou do menosprezo ou discriminação à condição de mulher. No Brasil, é considerado um crime hediondo a partir da Lei nº 13.104/2015.

<sup>2</sup> Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher. Disponível em:

[https://www.senado.leg.br/institucional/dataset/paineis\\_dados/#/?pesquisa=violencia\\_domestica\\_familiar](https://www.senado.leg.br/institucional/dataset/paineis_dados/#/?pesquisa=violencia_domestica_familiar). Acesso em: 6 de abr. 2026.



Nesse contexto, entende-se que as bibliotecas universitárias podem ser compreendidas como infraestrutura social (Klinenberg, 2018) relevante no enfrentamento da violência contra a mulher e desigualdade de gênero ao assumir o papel de mediadoras da informação e do conhecimento e espaços acolhedores. Assim, a pergunta que norteia essa pesquisa é: como as bibliotecas universitárias podem contribuir na prevenção e no enfrentamento da violência contra a mulher?

O presente estudo tem por objetivo discutir o papel das bibliotecas universitárias como infraestrutura social no enfrentamento da violência contra a mulher. Para tal, buscou-se realizar uma análise exploratória além de articular procedimentos bibliográficos e documentais, sendo a primeira realizada nas bases SciELO e BRAPCI, contemplando livros, teses e artigos científicos que fundamentam as relações entre bibliotecas universitárias, infraestrutura social e violência contra as mulheres.

Complementarmente, a parte documental consiste na análise de relatórios institucionais e painéis de dados oficiais, permitindo contextualizar e identificar tendências e indicadores relevantes. Os dados foram analisados de forma interpretativa, em diálogo com a literatura, buscando evidenciar possibilidades de atuação da mediação em bibliotecas universitárias no enfrentamento da violência de gênero.

A partir desse percurso metodológico, o trabalho é organizado em seções que, inicialmente, apresenta uma análise da trajetória da cidadania feminina e das dinâmicas da violência de gênero e, posteriormente, discute o papel das bibliotecas universitárias como infraestruturas sociais nesse contexto.

## **2 UMA ANÁLISE SOBRE A TRAJETÓRIA DA CIDADANIA FEMININA E A CULTURA DE VIOLÊNCIA**

Embora tenham ocorrido avanços na ampliação dos direitos e na presença das mulheres no meio social nos últimos anos, é possível identificar que, mesmo diante da sociedade da informação e do conhecimento, as desigualdades de gênero permanecem nas relações reproduzindo sistemas hierárquicos de domínio entre homens e mulheres.

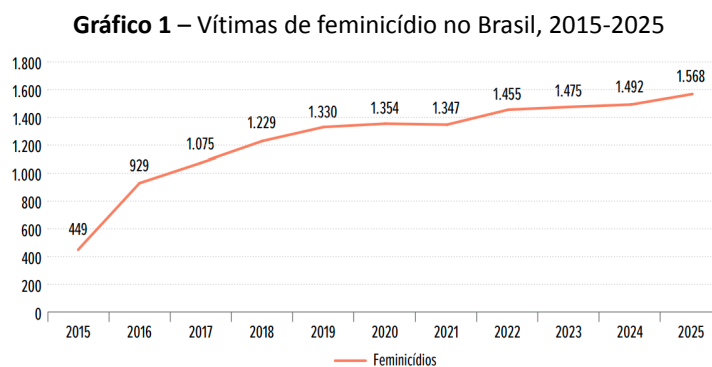
Nesse sentido, Barata (2009, p. 24) destaca que o sistema de reprodução social



inclui os padrões de trabalho e consumo dos diferentes grupos sociais. Deste modo, determinados grupos que vivem em posição de privilégio, reproduzem na sociedade de forma consciente ou até mesmo inconsciente, com um grau de conformismo ou naturalização das injustiças sociais. Esse fato demonstra que apesar dos avanços percebidos, as dinâmicas que sustentam relações desiguais não são eliminadas.

Assim, entende-se que mesmo com políticas públicas, movimentos de empoderamento feminino e ações de combate à desigualdade de gênero, persistem barreiras sociais oriundas do patriarcado, que criam mecanismos de combate por meio da violência, seja ela física ou simbólica. Entendemos o patriarcado como uma estrutura que cria e hierarquiza relações desiguais de poder entre os gêneros, sendo sustentado pelo que Bourdieu (2003) denomina poder simbólico que, muitas vezes, é exercido de maneira imperceptível em *prol* da legitimação e naturalização das ações de dominação dos sujeitos sociais. Como consequência, essa dinâmica naturaliza, por exemplo, a violência contra mulheres no cotidiano, como podemos visualizar nas matérias já mencionadas.

O relatório *Retratos dos feminicídios no Brasil* publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2026) demonstrou que, em 2025, mais de 1.500 mulheres foram vítimas de feminicídio no Brasil, o que representa um crescimento de 14,5% nos registros desse crime nos cinco últimos anos. Esses dados estão representados no gráfico 1 a seguir, com um aumento entre os anos de 2015 e 2025:



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2026)

Somado aos dados estatísticos, nota-se o crescimento do movimento denominado *Red Pill*<sup>3</sup>. Essa comunidade dissemina ideologias misóginas e teorias da

<sup>3</sup> A metáfora da pílula vermelha (*red pill*) foi extraída do filme *Matrix* (1999), no qual o protagonista deve escolher entre a pílula azul, que o manteria em uma ilusão confortável, ou a vermelha, que revela a dura



conspiração sob a premissa de um "despertar" masculino contra a suposta dominação feminina. Essa narrativa busca combater os supostos "privilégios" femininos e tem ganhado visibilidade e força entre os jovens, o que pode ser considerado um fator cultural que impulsiona o aumento da violência de gênero e também do feminicídio.

No ambiente digital, onde o movimento supracitado tem atuado, a desinformação possui papel central na disseminação de narrativas misóginas que favorecem a radicalização de seus consumidores. Essa dinâmica demonstra que a violência de gênero pode ser executada tanto no plano simbólico como no informacional e que os ecossistemas digitais podem ser utilizados para legitimar e contribuir para a formação de bolhas informacionais voltadas para o discurso de ódio.

A disseminação dessas ideologias misóginas impõe barreiras sociais que desafiam o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, tornando imprescindível que as instituições acadêmicas atuem na desconstrução dessas narrativas por meio da informação e do pensamento crítico.

Os principais ODS que articulam esse movimento de empoderamento feminino são: ODS 4 – Educação de Qualidade: ao examinar os impactos da cultura e da informação na experiência educacional das mulheres; ODS 5 – Igualdade de Gênero: alcançar a igualdade de gênero e empoderar mulheres e meninas; ODS 8 – Trabalho Decente e Crescimento Econômico: a investigação da sobrecarga simbólica e prática enfrentada pelas mulheres, decorrente da desigual divisão de papéis de gênero, reforça a importância de ambientes de trabalho mais equitativos; ODS 10 – Redução das Desigualdades: para a redução das desigualdades sociais e de gênero, é necessário modificar as estruturas sociais que afetam o acesso e a permanência das mulheres em posições de prestígio e liderança.

Os ODS representam avanços importantes no que tange o reconhecimento das desigualdades de gênero e na proposição de diretrizes de superação. Apesar disso, ainda são encontradas resistências e limitações para a realização de ações de combate à violência. O não cumprimento desses objetivos contribui para a manutenção de um ciclo de desigualdade que se reproduz no campo simbólico que migra para a naturalização das injustiças sociais.

---

realidade do mundo. No contexto do movimento, o termo é utilizado para descrever um suposto "despertar" para uma realidade onde os homens seriam vítimas de uma estrutura social que privilegia sistematicamente as mulheres.



Deste modo, é fundamental que as bases da formação de uma sociedade sejam fortalecidas, promovendo o acesso à informação e o desenvolvendo pensamento crítico, que colaboram para a desconstrução de estruturas desiguais. Nesse cenário, as universidades, enquanto espaços de construção do saber assumem um papel estratégico, sendo necessário repensar seus ambientes e, especialmente as bibliotecas universitárias, para serem instrumentos de combate à violência contra a mulher.

### **3 A INFRAESTRUTURA SOCIAL DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS COMO FATOR DE COMBATE A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES**

É possível aferir que a estrutura social é a ligação das partes que compõem o todo, ou seja, “o arranjo no qual os elementos da vida social estão ligados” (Ianni, 1973, p. 35). Compreendendo que o termo “infra” exprime a ideia de posição abaixo, inferior, no caso analisado, infraestrutura seria entendida como os serviços que permitem a ligação dessas partes, sujeito e sociedade, de maneira que possibilite a vida social.

Dessa forma, as infraestruturas sociais podem ser entendidas como instituições e espaços públicos ou privados que moldam a maneira como os sujeitos interagem em determinados territórios, possibilitando acesso à informação, conhecimento e uma melhor construção de relações sociais que acontecem através do compartilhamento de experiências nesses espaços de convívio coletivo.

A formação de sujeitos em uma sociedade ocorre a partir do diálogo com o ambiente social e informacional em que vive, tendo especial influência na fase em que é construída sua identidade e valores. Para Klinenberg (2018, p. 5), “quando a infraestrutura social é robusta, ela promove o contato, o apoio mútuo e a colaboração entre amigos e vizinhos; quando degradada, inibe a atividade social, deixando famílias e indivíduos à própria sorte”. Portanto, essa rede construída entre sujeitos e espaços possibilita que novas relações e experiências sejam compartilhadas.

Klinenberg (2018) ressalta, ainda, que faz parte da construção dos sujeitos em sociedade o ir e vir, o convívio social e a construção de relações, destacando que é de entendimento comum que o ser humano não foi feito para viver sozinho. Neste sentido, as universidades são espaços de construção do conhecimento individual e coletivo. Os sujeitos que fazem parte desses espaços acreditam na educação superior



como caminho para construção de um futuro melhor, essencial para a formação de cidadãos, conforme ressalta Klinenberg (2018).

As bibliotecas são partes relevantes na promoção e integração da universidade com seus discentes e sociedade através do tripé: ensino-pesquisa-extensão. São espaços de acolhimento, mediadoras da informação e do conhecimento, parceiras no processo educacional que contribui para o fortalecimento de ações de enfrentamento à violência contra a mulher.

Destaca-se que as universidades recebem, em sua maioria, estudantes em fase de intensa construção social entre 18 e 24 anos. Essa faixa etária coincide com os dados levantados por Vasconcelos *et al.* (2025) que demonstram que mulheres nessa faixa etária apresentam maiores índices de exposição à violência.

Nesse contexto, podemos considerar as bibliotecas universitárias como agentes importantes na construção sociocultural dos sujeitos, pois contribuem para a criação e a produção de saberes, formação de competências e de difusão da experiência cultural e científica da sociedade” (Luck *et al.*, 2000, p. 2). Por essa perspectiva, elas tornam-se espaços sociais que promovem transformações, buscando auxiliar a troca de conhecimento, construindo e ampliando tanto o capital social, como também o educacional e cultural a partir das relações construídas (Bourdieu, 2011).

A partir dessa compreensão, as ações realizadas por bibliotecas universitárias podem ser consideradas como práticas de mediação da informação que atuam diretamente na formação crítica do sujeito ao promover a apropriação da mudança de mentalidade a partir do que foi disseminado.

Ao promover o acesso à informação e o desenvolvimento do pensamento crítico, as bibliotecas propiciam a conscientização e a problematização de temas como o feminicídio e da violência contra a mulher. Tendo como base o levantamento da literatura e, principalmente o estudo de Missias, Fernandes Júnior e Nunes (2025) e as iniciativas apontadas pela Biblioteca Universitária Zilda Paim da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), foram elencadas iniciativas de enfrentamento à violência que podem ser realizadas em bibliotecas universitárias no quadro 1 a seguir:

**Quadro 1** – Iniciativas de enfrentamento à violência nas bibliotecas universitárias

INICIATIVAS	OBJETIVO	COMO FAZER
-------------	----------	------------



Ações educativas	Apresentar as bibliotecas universitárias como espaço seguros para estar e estudar; Conscientização dos direitos das mulheres e enfrentamento à violência	Divulgar artigos e livros que abordem a temática para comunidade acadêmica; Fixar cartazes informativos; Rodas de conversa; Palestras; Campanhas de conscientização
Mecanismo de proteção	Voltadas para o fortalecimento e segurança da mulher	Oferecer acolhimento; Divulgar as redes que atuam no combate à violência contra a mulher; Informar os canais oficiais de denúncia; Orientações sobre segurança
Fortalecimento da autoestima	Promover o empoderamento feminino por meio da autoconfiança. Tal cuidado contribui para que mulheres passem a estabelecer limites saudáveis, valorizar-se e tomar decisões assertivas sobre sua própria vida	Fixar nas mesas de estudos frases de empoderamento; Realizar oficinas de maquiagem e de autocuidado; Realizar atividades nas datas importantes, tais como: dia da mulher, dia da mulher negra

Fonte: Missias, Fernandes Júnior e Nunes (2025) e Biblioteca Universitária Zilda Paim da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

As ações de mediação citadas no quadro 1 não promovem apenas a conscientização, mas também atuam a partir da problematização de discursos estruturais que sustentam a violência de gênero. Fazer uso da informação como instrumento de transformação social amplia o papel das bibliotecas universitárias, colocando-as como peças-chave para o combate das dinâmicas sociais de desigualdade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou que as bibliotecas universitárias, podem ajudar a combater a violência contra a mulher, ao articular o acesso à informação, mediação e formação crítica dos sujeitos, suas infraestruturas sociais acolhem e promovem a educação de seus usuários em prol do combate às hierarquias provenientes de uma estrutura social constituída pelo patriarcado.

A partir da perspectiva que compreende os sujeitos como construídos a partir das relações sociais, entende-se que, ao serem inseridos no meio social, suas identidades moldadas por instituições, discursos e práticas culturais sustentam a sociedade e são fatores determinantes na sua formação. Nesse sentido, as universidades e suas bibliotecas configuram como espaços estratégicos na formação



crítica desses indivíduos, possibilitando o rompimento com a cultura patriarcal através da informação e do conhecimento.

Ao considerarmos que a violência de gênero é sustentada por estruturas simbólicas e historicamente construídas e legitimadas, é possível perceber que seu enfrentamento exige não apenas a elaboração de políticas públicas, mas também intervenções basilares que atuam na formação social dos cidadãos. Assim, é imprescindível reconhecer a importância das instituições que atuam na mediação da informação e no ensinamento de visões de mundo.

As bibliotecas universitárias, enquanto infraestruturas sociais, não são apenas espaços de acesso à informação e ao conhecimento, são também ambientes de cuidado, escuta, resistência e promoção da justiça social, que contribui para a construção de uma cultura de prevenção e enfrentamento às diversas formas de violência de gênero.

Assim, as bibliotecas universitárias podem ser vistas como instituições estratégicas ao articularem o acesso à informação, formação crítica e a problematização de discursos sobre esta temática, reafirmando sua responsabilidade com a formação dos sujeitos e seu papel social. Deste modo, bibliotecas podem ser entendidas como agentes de transformação social que contribuem diretamente para a criação de ambientes menos desiguais, inclusive, combatendo a violência de gênero.

Por fim, cabe destacar que este estudo apresenta limitações devido ao seu caráter bibliográfico e documental, justamente por não apresentar dados empíricos que evidenciam na prática as ações realizadas por bibliotecas universitárias para o enfrentamento da violência de gênero. Tendo isso em vista, sugerimos que pesquisas futuras explorem essa lacuna, de modo que possa apresentar os desafios e a efetividade dessas iniciativas.

## REFERÊNCIAS

BARATA, Rita Barradas. O que queremos dizer com desigualdades sociais em saúde?. In: **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009. Temas em Saúde collection, pp. 11-21. ISBN 978-85-7541-391-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.2009.

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA ZILDA PAIM. Conscientização. **Biblioteca Universitária Zilda Paim**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em:



<https://ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/426-conscientizar-para-proteger-bibliotec-a-reforca-importancia-da-informacao-no-enfrentamento-a-violencia-contr-a-mulher.>

Acesso em: 28 abr. 2026.

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BRASIL. **Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932**. Decreta o Código Eleitoral. Rio de Janeiro: 1932.

BUENO, S. *et al.* Retratos dos feminicídios no Brasil. Nota técnica. n. 03. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. 2026. Disponível em:  
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2026/03/nota-tecnica-dia-mulher-2026.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2026.

FLACH, R. M. D.; DESLANDES, S. F. Abuso digital ou prova de amor? O uso de aplicativos de controle/monitoramento nos relacionamentos afetivo-sexuais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. e00060118, 2019.

IANNI, Octavio. **Teoria de estratificação social: leitura de sociologia**. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

KLINENBERG, E. **Palaces for the people: how social infrastructure can help fight inequality, polarization, and the decline of civic life**. New York: Crown Publishing, 2018.

LÜCK, E. H. *et al.* A biblioteca universitária e as diretrizes curriculares do ensino de graduação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11., Florianópolis, 2000, p. 1-18. **Anais eletrônicos** [...]. Disponível em:  
<https://www.geocities.ws/csouza952/t024.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2026.

MISSIAS, L. S.; FERNANDES JÚNIOR, P. R.; NUNES, M. S. C. O papel da biblioteca no empoderamento de mulheres e meninas: um estudo de caso no Instituto Federal de São Paulo, campus Campinas. **ConCI: Convergências em Ciência da Informação**, Aracaju, v. 8, n. especial, 2025.

VASCONCELOS, N. M. de; *et al.* Quem são as mulheres adultas expostas à violência no Brasil?. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 59, p. e236103, 2025. DOI:  
10.11606/s1518-8787.2025059005701.

